

## ONDE ELAS ESTÃO? A presença das mulheres como fontes de informação no Jornal Hoje e no JMTV 1ª Edição<sup>1</sup>

WHERE THEY ARE? The presence of women as sources of information in Jornal Hoje and JMTV 1ª Edição  
¿DÓNDE ESTÁN?: La presencia de las mujeres como fuentes de información em Jornal Hoje y JMTV 1ª Edição

### Daniele Silva Lima

Mestranda em Comunicação da UFMA. Bolsista FAPEMA.

 0000-0003-3943-4116

### Camilla Quesada Tavares

Doutora em Comunicação pela UFF. Coordenadora e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMA.

 0000-0001-5490-6850

Correspondência: Rua Urbano Santos, S/N, Centro, 65900-410, Imperatriz-MA.

Recebido em: 16.04.2023.

Aceito em: 19.06.2023.

Publicado em: 02.08.2023.

### RESUMO:

Este trabalho se propõe a contribuir com os estudos de jornalismo e gênero ao se debruçar sobre a presença das mulheres como fontes de informações nos telejornais Jornal Hoje (Rede Globo), de abrangência nacional, e JMTV 1ª Edição (TV Mirante, afiliada da Rede Globo), jornal regional do Maranhão. Para isso, foi utilizado como método científico a Análise de Conteúdo. O *corpus* do estudo compreende uma amostra de 24 edições do Jornal Hoje e 24 edições do JMTV 1ª Edição, que foram transmitidas no ano de 2019. Assim, foram analisadas 429 matérias que contavam com 1.119 fontes de informação, sendo que apenas 442 eram mulheres. Como resultado, verificou-se discrepâncias da presença de homens e mulheres em relação à quantidade e funções na narrativa jornalística.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulher; Telejornalismo; Análise de Conteúdo; Gênero; Fontes.

## Introdução

Falar sobre gênero é falar sobre construções sociais, uma vez que esse termo existe para definir que o sexo biológico com o qual cada pessoa nasce não define o que ela deve ser ou quais papéis ela vai ter na sociedade, já que se trata de uma construção que se inicia antes mesmo do nascimento (Beuvoir, 1967; Heilborn, 1994). Este tipo de discussão influenciou as pesquisas científicas com o objetivo de discutir o gênero e as problemáticas que as mulheres ainda enfrentam. Isso acontece inclusive na área da Comunicação, que viu na falta de mulheres no jornalismo, por exemplo, um problema que deixa transparecer as marcas da sociedade patriarcal.

Sabendo disso, este trabalho levanta a seguinte problemática: quando e como as mulheres estão presentes como fonte de informação nos telejornais Jornal Hoje e JMTV 1ª

<sup>1</sup> O presente artigo recebeu apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - Finance Code: 001; e da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA), por meio da Resolução FAPEMA nº 07, de 03/05/2022.

Edição? A proposta aqui é tentar mensurar em que temas de notícias elas aparecem e, quando aparecem, qual o papel das vozes delas dentro do recorte da notícia televisiva. Sendo assim, o objetivo geral da pesquisa é analisar a presença das mulheres como fontes em telejornais de diferentes abrangências, sendo um nacional e outro regional, do estado do Maranhão. Entre as categorias analisadas estão os temas e abrangências das notícias e os tipos de fontes, além de também ser levantado, em números, a quantidade de mulheres consultadas em cada telejornal.

Este estudo é importante para o preenchimento de uma lacuna observada nos estudos de gênero e comunicação, uma vez que, diferente da maioria que se concentra no Sul do Brasil (Silva, Sousa & Tavares, 2019), este se propõe a observar também uma redação do Maranhão – a partir do JMTV 1º Edição -, no Nordeste do país. O trabalho tem natureza quantitativa e utiliza a Análise de Conteúdo (AC) como técnica de pesquisa, segundo Bardin (2006). As variáveis e categorias são baseadas na pesquisa *Global Media Monitoring Project*. Entretanto, apesar da inspiração, aqui será utilizado um livro de códigos próprio, para melhor atender aos propósitos da pesquisa e considerando as particularidades do contexto estudado.

Como primeiro passo para a realização dessa análise, os próximos três tópicos vão apresentar conceitos e autores que se debruçam sobre fontes, jornalismo e gênero, temas que são chave para esse trabalho. Na sequência, apresentamos os procedimentos metodológicos e os resultados da investigação. Por fim, tem-se as conclusões.

## O papel das fontes no telejornalismo

A Rede Globo está muito presente na evolução do telejornalismo no Brasil. Segundo Coutinho (2012), foi o Jornal Nacional, com sua primeira transmissão em 1969, que deu o salto para uma linguagem audiovisual, além de também ter sido o primeiro a ser veiculado em rede nacional. Temer (2012) indica que o telejornal apresentou um novo um modelo - mais *clean* - e que seu começo coincide com o crescimento de eletrônicos no Brasil e na implantação do crédito ao consumidor, fatos que influenciaram diretamente no aumento do número de telespectadores.

Além da evolução das notícias para a tela da TV, outra figura importante no jornalismo, e que representou uma grande transformação na forma de fazer notícias, foi a inclusão dos repórteres. De acordo com Lage (2009), ele é um “agente inteligente”, pois é esse profissional que representa os leitores do jornal. Ele vai, observa e escuta o que o público não pode e tem a função de ser o encarregado de selecionar o que é ou não é interessante. Além disso, o repórter é a pessoa autorizada pelos leitores para ser seus “olhos e ouvidos remotos” (Lage, 2009, p. 9). Ou seja, temos aqui o profissional central na

atividade jornalística, a pessoa que vai atrás da notícia e, por isso, é também o que estabelece a relação com as fontes de informação. Foi na inclusão do repórter que a técnica da entrevista foi cada vez mais usada para construir as notícias, por isso elas começaram a apresentar mais diversidade de pontos de vista (Traquina, 2005).

Esses entrevistados pelos jornalistas são conhecidos como as fontes de informação. Segundo Traquina (2005, p. 190), “uma fonte é uma pessoa que o jornalista observa ou entrevista e que fornece informações. Pode ser potencialmente qualquer pessoa envolvida, conhecedora ou testemunha de determinado acontecimento ou assunto”.

Quando se fala das fontes das notícias no telejornalismo, precisa-se destacar que, na televisão, as pessoas entrevistadas ganham mais visibilidade e crédito, principalmente ao se olhar os números da audiência de grandes canais de TV. Isso porque o telejornalismo ocupa um lugar fundamental na sociedade brasileira, segundo Porcello e Sartori (2013). Ele tem a função de “sistematizar, organizar, classificar e hierarquizar a realidade. Dessa forma contribuem para uma organização do mundo circundante” (Porcello & Sartori, 2013, p. 5). O trabalho que o jornalista faz diariamente é, em resumo, um trabalho de mediação da realidade para o público. Assim, é importante salientar que o telejornalismo não reflete a sociedade, mas faz uma construção dela.

[...] é preciso compreender que os noticiários televisivos apresentam a cada edição não uma janela que permita visualizar o mundo, mas constroem por meio de textos, sons e imagens o mundo por meio de sua janela particular, o que envolve desde as características intrínsecas ao meio, até diretrizes relativas à política editorial da emissora responsável pela produção/veiculação do telejornal (Coutinho, 2009, p. 107).

Ainda sobre essa função de construção, Oliveira (2006) também concorda que o jornalismo é um local de construção e de circulação de conhecimento e que é nesse espaço que se constrói uma memória coletiva do que é dito e do que é silenciado – e, conseqüentemente, de quem é ouvido e de quem quase nunca aparece na cobertura jornalística. Ademais, Coutinho e Mata (2010, p. 65) reiteram que os telejornais desempenham uma função pública. “Os telejornais cumprem claramente uma função pública em um país marcado pela desigualdade no acesso aos bens de consumo e também a direitos essenciais como educação, saúde e segurança”. Temer (2012) aponta que o que o brasileiro olha na TV é tomado como uma continuidade da sua vida e que essa é uma forma dele se sentir parte de um contexto maior.

Ao se falar em construção da realidade, é importante destacar também a importância do telejornalismo na veiculação dos discursos. Rocha (2009), ao falar sobre isso, indica que o que é veiculado na TV é fundamental, pois é através dela que os sentidos e

representações ganham grande circulação. Assim, Porcello e Sartori (2013, p. 7) falam sobre uma responsabilidade do jornalismo feito para a televisão. “[...] é preciso reforçar o compromisso social do telejornalismo por seu largo alcance e por levar o mundo à casa das pessoas, informando, questionando e provocando a reflexão crítica sobre os temas que a sociedade deve discutir.” Ainda sobre isso, Coutinho (2012) afirma que os telejornais apresentam uma expressão da realidade nacional, pois todos os discursos veiculados na produção, por meio de som e imagem, adquirem visibilidade em todo o país e, por isso, ganham relevância e os entrevistados, por sua vez, são reconhecidos com uma autoridade midiática ou televisiva.

É importante destacar também que o telejornalismo traz um novo elemento para os discursos: a imagem dos entrevistados que, de acordo com Lage (2009, p. 38), “mais do que em qualquer outro veículo, a entrevista televisiva devassa a intimidade do entrevistado, a partir de dados como sua roupa, seus gestos, seu olhar, a expressão facial e o ambiente”. Squirra (2004, p. 51) também deixa claro o impacto desse elemento: “[...] a imagem tem papel fundamental na comunicação eletrônica. É indiscutível sua força, capacidade de convencimento, poder de expressão e dramaticidade”.

Ou seja, com base na literatura apresentada aqui, é indiscutível que o telejornalismo tem grande importância nas sociedades, especialmente na brasileira, e que o jornalismo nas democracias tem o papel dar visibilidade a discursos e narrativas, entretanto, o que se observa atualmente é uma assimetria no que tange aos que são ouvidos pelos veículos de comunicação. Desde 1995, a *The World Association for Christian Communication* (WACC) organiza uma pesquisa a cada cinco anos para monitorar a aparição de mulheres nos meios de comunicação no mundo. Em 2015, o *Global Media Monitoring Project* relatou que a porcentagem de mulheres que apareciam nos jornais impressos, na televisão e no rádio foi de apenas 24%, o mesmo número de 2010, ou seja, não houve evolução entre os períodos de análise. Dados como esse demonstram que existem problemáticas na produção jornalística e que isso deve ser analisado e entendido. No caso deste trabalho, realizado em 2020, objetiva-se observar se há algum avanço em parte do cenário brasileiro, em relação ao último dado do monitoramento internacional; e busca-se verificar se há divergências entre coberturas realizadas por veículos de diferentes abrangências. Apesar de já se saber que a mulher é invisibilizada, de modo geral, é importante o acompanhamento longitudinal e a partir de diferentes veículos, como procuramos fazer na presente pesquisa.

Este tópico apresentou uma revisão de literatura sobre fontes jornalísticas e sua importância no fazer jornalístico cotidiano. Para avançar com a discussão, o próximo tópico levanta o conceito de gênero e sua ligação com as pesquisas científicas no jornalismo.

## A mulher no jornalismo: o que dizem as pesquisas?

Primeiramente, é importante entender o que seria o gênero e porque, a partir dessa conceituação, diversos trabalhos se preocuparam em observar a comunicação sob essa perspectiva. A definição de gênero é um dos principais desafios para os autores e autoras da área, já que a definição pode ser pensada de diversas formas. Segundo Heilborn (1994, p. 1), "gênero é um conceito das ciências sociais que, grosso modo, se refere à construção social do sexo". De acordo com a autora, a qualidade de ser homem ou mulher na sociedade é algo definido pela cultura, e é preciso compreender, ainda, a complexidade do conceito sobretudo a partir das suas interseccionalidades e consubstancialidades (Hirata, 2014). A grande maioria dos trabalhos publicados, pelo menos no Brasil, parte de uma perspectiva de gênero centrada majoritariamente na categoria mulher (Tavares, Massuchin & Sousa, 2021), sob uma perspectiva heteronormativa (Lopes, 2004) - apesar de estudos sobre os gêneros não normativos - sobre gays, lésbicas e transgêneros - serem feitos desde os anos de 1990 (Colling, Silva, Lopes, Sant'Ana, Sanches, Guedes & Santos, 2012).

Embora os estudos sobre a categoria mulher serem majoritários e a pesquisa aqui proposta se encaixar nessa vertente, a particularidade está no fato de que ainda não se tem estudos sobre o papel das mulheres como fontes de informação no telejornalismo, sendo este objeto um dos menos estudados na subárea (Massuchin, Tavares & Silva, 2020). Portanto, este trabalho pretende preencher parte desta lacuna<sup>2</sup>.

Em trabalho recente, Massuchin, Tavares e Silva (2020) analisaram os artigos sobre Jornalismo e Gênero publicados nas revistas de maiores estratos até o ano de 2018, e observaram que os trabalhos são majoritariamente empíricos, focados no conteúdo do jornalismo impresso e que buscavam retratar como mulheres e população LGBTQIA+ eram representados pelos veículos. Há diversas lacunas identificadas pelas autoras, e dentre elas está o baixo número de pesquisas que têm como foco os telejornais.

Boa parte dos trabalhos pretende abordar como a desigualdade aparece no conteúdo jornalístico e há outra boa parte preocupada em observar as relações de gênero dentro das redações. Nestes estes últimos trabalhos, Lelo (2019, p. 3) observa que as assimetrias de gênero observadas no trabalho podem ser entendidas sob 4 vetores, "a) no campo da divisão sexual do trabalho; b) nas culturas organizacionais; c) nas culturas profissionais; d) no seio das rotinas produtivas".

Ao se debruçar sobre o conteúdo, algumas autoras problematizam a própria noção de objetividade jornalística, conceito que ainda se faz presente durante a produção de

---

<sup>2</sup> Sabe-se da importância de se considerar a interseccionalidade neste tipo de investigação, mas como se trata de um primeiro trabalho sobre o tema, optou-se por não fazer este recorte neste momento.

notícias nos veículos nacionais (Moraes & Silva, 2019). Segundo Moraes e Silva (2019, p. 2), a objetificação jornalística contribui para a “manutenção e opacificação de ideologias como o machismo e o racismo”. Seguindo este pensamento, Garcez e Silveirinha (2020) indicam que o discurso objetivo acaba por fazer com que as lógicas e as decisões jornalísticas continuem por produzir um jornalismo majoritariamente masculino, já que “[...] as rotinas implantadas, os valores que se atribuem aos acontecimentos e as prioridades relativas às fontes continuam a não ser questionadas em nome de uma suposta e transparente objetividade” (Garcez & Silveirinha, 2020, p. 126). De modo complementar, Salhani, Santos e Cabral (2020) também concordam que a atual configuração do jornalismo é marcada por uma hegemonia patriarcal e colonializada, em que a perspectiva masculina é a que prevalece, sendo assim, muitas vezes não há uma sensibilidade no que concerne às questões de gênero.

Este cenário de priorização do masculino no jornalismo pode ser observado quando se analisa as fontes de informação que aparecem no conteúdo noticioso. Existe uma ausência de mulheres como fontes, e quando elas enfim aparecem, isso é feito de forma a disseminar desigualdades ligadas ao gênero e estereótipos, ou elas apenas estão presentes como vítimas de violência, ora sem contexto, ora como forma de trazer audiência (Moreno, 2017). De acordo com Cerqueira (2008), a seleção de qual fonte vai aparecer nas matérias é desigual, e, muitas vezes, isso significa que as mulheres aparecem como vozes “invisíveis” ou “visíveis”, mas sem serem protagonistas das notícias. É dizer, mesmo que mulheres sejam consultadas em matérias jornalísticas, estão lá como um personagem coadjuvante da narrativa, não como sendo a fonte principal ou mais importante.

Em um estudo sobre as notícias de jornais de Portugal, veiculadas no Dia Internacional da Mulher, Cerqueira (2008) percebeu que não há pluralidade de fontes femininas nas matérias, que elas aparecem em espaços menores nas páginas e que aparecem, majoritariamente, em editorias menos relevantes dos jornais, ficando de fora da política, economia e esportes. Hendel (2017) também afirma que as editorias de economia e esportes seguem sendo um espaço de dominação masculina.

Sobre a ausência da participação feminina no jornalismo, Hendel (2017) afirma que isso é um problema, pois a mídia devia ser um espaço justo e de equidade, quando não é, ela acaba por reproduzir os discursos do sistema dominante e seus interesses, que apesar de serem tomados como interesses de toda a sociedade, eles não são. Além disso, a autora problematiza o uso da visão masculina como se fosse algo neutro, sem gênero e objetivo, uma vez que isso legitima uma interpretação única dos acontecimentos.

Segundo Moreno (2017), no que diz respeito à aparição das mulheres em telejornais, elas, frequentemente, aparecem como vítimas ou testemunhas anônimas nos noticiários,

poucas vezes as mulheres aparecem como fonte especialista. Isso denota que é difícil ouvir opiniões e ideias de mulheres sobre assuntos como economia e política no jornalismo, por exemplo. A autora também afirma que os valores que o jornalismo apresenta das mulheres poderiam corresponder ao século passado, porque a situação e as demandas da mulher no mundo contemporâneo são pouco vistas: “[...] a seletividade das imagens, discursos e realidades das mulheres, hoje, corresponde a, por um lado, uma invisibilidade seletiva do que não interessa à mídia amplificar, cerceando o direito universal à expressão” (Moreno, 2017, p. 37).

Marino (2018), ao estudar matérias do Jornal Nacional do mesmo ano, percebeu discrepâncias no uso de homens e mulheres como fontes de informação. Segundo ela, menos de um terço dos entrevistados no telejornal são mulheres e, ao se fazer um recorte interseccional, o número de mulheres negras é ainda menor - apenas oito foram ouvidas. Ela também percebeu que a grande maioria das mulheres são “populares” e estão no papel de vítima, sendo que as mulheres negras só não aparecem como vítimas ao se analisar matérias sobre o carnaval. Ela também aponta que raramente as mulheres aparecem como *experts*. Além disso, a condução das matérias é feita, em sua maioria, por homens. Um cenário parecido foi encontrado em 2004, também no Jornal Nacional, de acordo com os resultados da pesquisa feita por Meditsch e Segala (2005). Ao olharem as fontes usadas, os autores notaram que a maioria das vozes eram de homens e que, quando aparecem, as mulheres ocupam o lugar de cidadã comum e apenas emitem sua opinião. A falta de mulheres como especialistas em algum assunto também foi resultado do estudo de Pereira, Caleffi e Albertini (2018) ao olharem para o telejornal “Boa Noite, Paraná”, em que 157 especialistas foram ouvidos, mas apenas 20 eram mulheres. Os autores também evidenciaram uma masculinização na redação da RPC-TV, afiliada à Rede Globo no Paraná, já que a ampla maioria dos repórteres são homens. Apesar de termos diversos estudos que analisem o lugar que a mulher ocupa na cobertura jornalística, de modo geral, há poucos trabalhos voltados ao telejornalismo, e nenhum que observa o contexto do Maranhão.

Até aqui, fez-se uma revisão de literatura que entrelaçou os temas que envolvem as fontes jornalísticas, o gênero e as problemáticas enfrentadas pelas mulheres no jornalismo. O trabalho agora segue para apresentar as metodologias utilizadas para responder a problemática da pesquisa.

## Processos Metodológicos

Os resultados apresentados neste artigo são um recorte de um trabalho maior que se propôs a verificar como as mulheres aparecem enquanto fontes de informações nos telejornais JMTV 1ª Edição, principal telejornal do Maranhão, e Jornal Hoje, de abrangência

nacional. O método utilizado para que o objetivo da pesquisa fosse alcançado foi a Análise de Conteúdo (AC). Segundo Bardin (2006), esse tipo de análise é efetiva para estudos em comunicações, até porque ela disponibiliza várias formas de análise e é adaptável. De acordo a autora, “[...] a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (Bardin, 2006, p. 38). Sousa (2004) afirma que esse método permite que sejam vistas questões acerca das representações de minorias.

Para verificar como as mulheres aparecem como fontes de notícias nos telejornais, foi escolhido o ano de 2019 como o período de análise, entretanto, como essa delimitação é extensa, optou-se por fazer uma amostra. De acordo com Sousa (2004), quando se quer estudar um jornal durante um ano, não é recomendado que se faça uma amostra com dias corridos, já que isso pode enviesar os resultados no caso da ocorrência de algum acontecimento que provoque o aumento ou diminuição do tema que se está pesquisando. Além disso, o autor também afirma que, quando se estuda fenômenos abundantes, não é necessário estabelecer períodos prolongados, nesse sentido, também já foi observado que uma amostra com mais de 12 jornais não aumenta significativamente a exatidão da aferição (Stempel, 1952<sup>3</sup> apud Sousa, 2004). Por isso, fez-se um ano construído dos telejornais em 2019, sendo 24 edições coletadas do JMTV 1ª Edição e 24 do Jornal Hoje.

A construção da amostra se deu da seguinte forma: a) nos meses de número ímpar foram escolhidos dias entre a semana 1 e 3 do mês, enquanto nos meses de número par foram escolhidos dias entre as semanas 2 e 4; b) a coleta se inicia no primeiro dia do ano, uma terça-feira, sendo assim, se salta 1 dia e a próxima data a ser analisada é uma quinta-feira de janeiro; no mês seguinte a coleta se inicia numa quarta-feira, pula 1 dia e a próxima data é de uma sexta-feira de fevereiro, e assim sucessivamente. Dessa forma, pôde-se coletar programas com dias da semana distintos. Ao todo, 48 edições foram coletadas, sendo 24 do JMTV 1ª Edição e 24 do Jornal Hoje. Em cada uma dessas edições, foram coletadas as 4 primeiras fontes que apareciam na matéria.

Este trabalho, apesar de utilizar um material audiovisual, vai se limitar apenas às mensagens que constroem o discurso jornalístico nas matérias dos telejornais. Ou seja, para a categorização, foi observado o texto oral dos jornalistas e das fontes de informações: vão ser suas falas proferidas durante a transmissão da matéria que guiam a categorização dos temas de notícias e a abrangência. Sendo assim, imagens e características físicas não

---

<sup>3</sup> Stempel, G. H. Sample size for classifying subject matter in dailies. *Journalism Quarterly*, v. 29 n. 2, p. 333-334, 1952. Apud Sousa, Jorge Pedro. *Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e da mídia*. Letras Contemporâneas, 2004.

são consideradas nessa abordagem. O *corpus* da análise compreende apenas as matérias que incluem falas de fontes de informações dando entrevistas, ou seja, notas de esclarecimento lidas pelos apresentadores e demais documentos não são levados em consideração. Além disso, as entrevistas consideradas são as transmitidas em VT's, assim, entrevistas em estúdio ou links ao vivo, quadros e reportagens especiais não foram somados à amostra. Após todos esses recortes, chegamos ao total de 183 matérias coletadas do Jornal Hoje e 246 do JMTV 1ª Edição, somando um total de 429, que compõem o *corpus* deste trabalho.

Para a categorização, foi desenvolvido um livro de códigos baseado na codificação feita pelo *Global Media Monitoring Project*, que busca analisar a representação da mulher no jornalismo mundial. Entretanto, nesta pesquisa, foram feitas algumas modificações para que ele fosse mais adequado à realidade estudada. Assim, o livro de código inclui a categorização dos temas das notícias, abrangências e tipos de fontes que apareceram nos telejornais.

Apresentada a metodologia, a seguir serão analisados os resultados obtidos com a categorização dos dados e as discussões que podem ser levantadas à luz deles.

## Resultados e discussões

Neste trabalho, foram coletadas 183 matérias do Jornal Hoje e 246 do JMTV 1ª Edição no ano de 2019, somando assim um total de 429 notícias televisivas analisadas. No que tange ao número de fontes, no Jornal Hoje foram coletadas 447 entrevistas e no JMTV 1ª Edição foram 752, somando 1.199 fontes de informação. O método utilizado, a Análise de Conteúdo, permitiu que fossem obtidos diversos dados sobre os telejornais e que fossem feitos alguns cruzamentos para entender o que está sendo veiculado para os telespectadores.

Para entender a representação das fontes femininas nos telejornais, é interessante notar a quantidade relativa à presença delas. No Jornal Hoje, foram 135 mulheres usadas como fonte de informação e 312 homens, ou seja, eles representam mais da metade. No JMTV, foram 307 mulheres ouvidas e 445 homens, apesar de eles continuarem como maioria, elas estão em número bem maior do que o visto no Jornal Hoje. Essa ampla diferença já foi observada em outros estudos (Marino, 2018; Meditsch & Segala, 2005). Segundo Meditsch e Segala (2005), a falta de mulheres sendo entrevistadas pode ser um retrato da sociedade brasileira, que têm pouca presença de mulheres em cargos públicos ou em posições de destaque.

Para verificar de forma aprofundada os temas tratados pelo Jornal Hoje e a presença de homens em mulheres em cada um, apresenta-se a tabela abaixo.

**Tabela 1** Presença de homens e mulheres de acordo com temas do Jornal Hoje

Tema		Sexo das fontes		Total
		Mulher	Homem	
Política	Freq.	8	60	68
	%	5.9%	19.2%	
Economia	Freq.	24	64	88
	%	17.8%	20.5%	
Saúde	Freq.	11	17	28
	%	8.1%	5.4%	
Educação	Freq.	6	13	19
	%	4.4%	4.2%	
Minoria Social	Freq.	8	4	12
	%	5.9%	1.3%	
Infraestrutura urbana	Freq.	6	14	20
	%	4.4%	4.5%	
Violência e Segurança	Freq.	19	41	60
	%	14.1%	13.1%	
Corrupção	Freq.	1	7	8
	%	0.7%	2.2%	
Acidentes	Freq.	16	41	57
	%	11.9%	13.1%	
Meio ambiente	Freq.	10	20	30
	%	7.4%	6.4%	
Esportes	Freq.	0	0	0
	%	0.0%	0.0%	
Entretenimento/Cultura	Freq.	22	28	50
	%	16.3%	9.0%	
Outro	Freq.	4	3	7
	%	3.0%	1.0%	
Total	Freq.	135	312	447
	%	100%	100%	

Fonte: Elaborado pelas autoras (2020).

É interessante notar que homens e mulheres estão mais presentes nos mesmos temas, entretanto, há discrepâncias em todas as categorias. As mulheres estão mais presentes em economia (17,8%), violência e segurança (14.1%) e acidentes (11.9%). Da mesma forma, os homens são mais ouvidos em economia (20,5%), política (19,2%), violência e segurança (13.1%) e acidentes (13.1%). Entretanto, há de se notar que em todos os temas eles estão em maior número, as mulheres apenas são mais ouvidas que os homens em minoria social (5.9%), e em política elas são as menos ouvidas, enquanto há a presença de 8 mulheres, 60 homens foram fontes. Uma das possíveis razões para isso acontecer pode ser entendida pelo trabalho de Kadri (2020), que verifica que um dos fatores para uma cobertura positiva das mulheres na política se deve à relação delas com os jornalistas. Se poucas mulheres estão presentes na rede de contato dos profissionais, a tendência é que poucas delas vão de fato aparecer como fontes de notícias.

Apesar do aparente equilíbrio entre vozes em economia, violência e segurança, os papéis que homens e mulheres desempenham nessas matérias não são os mesmos, enquanto elas servem como testemunhas, vítimas e salientam suas opiniões e relatos pessoais, os homens estão mais presentes como fontes oficiais e especialistas. Isso será discutido de forma mais detalhada posteriormente. A próxima tabela traz esses mesmos dados, mas agora levando em conta o JMTV 1ª Edição.

**Tabela 2** Presença de homens e mulheres de acordo com temas do JMTV 1º Edição

Tema		Mulher	Homem	Total
Política	Freq.	2	4	6
	%	0.7%	0.9%	
Economia	Freq.	40	34	74
	%	13.0%	7.6%	
Saúde	Freq.	48	36	84
	%	15.6%	8.1%	
Educação	Freq.	20	12	32
	%	6.5%	2.7%	
Minoria Social	Freq.	16	23	39
	%	5.2%	5.2%	
Infraestrutura urbana	Freq.	51	115	166
	%	16.6%	25.8%	
Violência e Segurança	Freq.	16	55	71
	%	5.2%	12.4%	
Corrupção	Freq.	1	3	4
	%	0.3%	0.7%	
Acidentes	Freq.	3	18	21
	%	1.0%	4.0%	
Meio ambiente	Freq.	12	21	33
	%	3.9%	4.7%	
Esportes	Freq.	8	13	21
	%	2.6%	2.9%	
Entretenimento/Cultura	Freq.	82	100	182
	%	26.7%	22.5%	
Outro	Freq.	8	11	19
	%	2.6%	2.5%	
Total	Freq.	307	445	752
	%	100%	100%	

Fonte: Elaborado pelas autoras (2020).

Os dados do JMTV apresentam várias diferenças em comparação com o Jornal Hoje. Neste telejornal, as mulheres estão mais presentes em entretenimento/cultura (26.7%), infraestrutura urbana (16.6%) e saúde (15.6%). O fato de as mulheres estarem mais presentes em assuntos de entretenimento foi observado em outros estudos, segundo Lelo (2019), as *soft news* têm menor impacto na opinião pública, ou seja, a mulher acaba ocupando espaços de menos destaque. Já os homens são encontrados em maior número

em infraestrutura urbana (25.8%), entretenimento/cultura (22.5%) e violência e segurança (12.4%).

É neste telejornal também que se pode observar a presença em número maior de mulheres, em relação aos homens, em três temas: economia (13%), saúde (15.6%) e educação (6,5%). O fato de elas aparecerem mais em economia pode ser explicado pela maior procura da opinião delas em relação a preços, exemplo disso está em matérias gravadas em supermercados, principalmente na época do Natal e Ano Novo. Com relação à saúde, há a presença delas como oficiais e especialistas – coordenadoras, enfermeiras, médicas -, como também em papel de opinião e relato. Cenário semelhante à educação, em que elas são ouvidas como professoras, coordenadoras e diretoras de escolas, além de darem opinião e relatos, como no papel de mãe, por exemplo.

Para seguir com a verificação do espaço temático ocupado pelas mulheres, a tabela abaixo traz os resultados quanto à abrangência das matérias.

**Tabela 3** Presença de homens e mulheres de acordo com a abrangência das matérias

Abrangência	JH				JMTV			
	Mulher		Homem		Mulher		Homem	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Local	28	20.7%	53	17.0%	182	59.3%	244	54.8%
Regional	5	3.7%	16	5.1%	125	40.7%	200	44.9%
Nacional	89	65.9%	220	70.5%	0	0.0%	1	0.2%
Internacional	13	9.6%	23	7.4%	0	0	0	0
Total	135	100%	312	100%	307	100%	445	100%

Fonte: Elaborado pelas autoras (2020).

Pode-se verificar que os homens são os mais ouvidos quando se olha para todo tipo de abrangência. Entretanto, há algumas distinções interessantes. Em notícias nacionais, do Jornal Hoje, é onde se encontra a maior disparidade entre homens e mulheres, enquanto foram ouvidas 89 mulheres, 220 homens foram consultados. E no JMTV, há apenas 1 homem entrevistado em notícia de nível nacional. O Jornal Hoje tem os temas de política e economia mais presentes em nível nacional, isso pode explicar o menor número de mulheres encontrado nessa abrangência, já que os homens são os mais ouvidos nesses temas. O que também pode ser visto é que o JMTV 1ª edição apresenta um número de homens e mulheres um pouco mais equilibrados em matérias locais e regionais, o que também acontece com o JH.

Nos próximos resultados, os dados apresentados dizem respeito ao número de fontes consultadas nos telejornais. Para o início da análise, a tabela abaixo apresenta a

porcentagem quanto ao posicionamento das mulheres entre as 4 primeiras fontes que foram coletadas para esse estudo.

**Tabela 4** Posicionamento de mulheres e homens enquanto fontes nos telejornais

Posicionamento	JH						JMTV					
	Mulher		Homem		Total		Mulher		Homem		Total	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Fonte 1	48	26.2	135	73.8	183	100.0	99	40.2	147	59.8	246	100.0
Fonte 2	38	29.5	91	70.5	129	100.0	90	42.9	120	57.1	210	100.0
Fonte 3	35	39.8	53	60.2	88	100.0	70	40.9	101	59.1	171	100.0
Fonte 4	14	29.8	33	70.2	47	100.0	48	38.4	77	61.6	125	100.0
Total	135	30.3	312	69.7	447	100.0	307	40.9	445	59.1	752	100.0

Fonte: Elaborado pelas autoras (2020).

No caso do Jornal Hoje, 39.8% das mulheres são a terceira fonte e 29.8% são a quarta. Em comparação, os homens são a primeira fonte, com 73.8%, e a segunda, com 70.5%. No JMTV 1ª Edição, 42.9% delas são a segunda fonte a ser ouvida e 40.9% são a terceira. Já os homens se destacam sendo a quarta fonte (61.6%) e a primeira (59.8%). Ou seja, em nível de posicionamento, as mulheres não obtêm destaque, os homens são em sua maioria as primeiras fontes de informação apresentadas.

Seguindo com a análise, a tabela abaixo mostra os tipos de fontes utilizadas nos telejornais de acordo com os sexos.

**Tabela 5** Tipos de fontes de acordo com o sexo no Jornal Hoje

Tipo	Assunto da matéria	Sexo		
		Mulher	Homem	
	Assunto da matéria	Freq.	11	29
		%	8%	9.2%
	Oficial	Freq.	18	107
		%	13.3%	34.2%
	Especialista	Freq.	8	46
		%	6%	15%
	Testemunha	Freq.	7	26
		%	5%	8.3%
	Opinião/Relato	Freq.	89	104
		%	66%	33.3%
	Outro	Freq.	2	0
		%	1.4%	0
	Total	Freq.	135	312
		%	100.0	100.0

Fonte: Elaborado pelas autoras (2020).

No caso do Jornal Hoje, os homens são, em sua maioria, as fontes que fornecem opinião e relato (33.3%), mas também se destacam sendo oficiais (34.2%), e especialistas,

(15%). Por outro lado, apesar de as mulheres terem algum equilíbrio com os homens quanto a dar sua opinião (66%), ao se olhar para oficiais e especialistas a discrepância é maior. Apenas 18 (13.3%) mulheres foram fontes oficiais e 8 (6%) foram especialistas. Ou seja, a mulher está no telejornal mais para compartilhar seus relatos pessoais e servirem de ilustração para um assunto, do que para representar órgãos públicos e privados e interpretar algo, devido ao seu conhecimento específico, que são papéis de mais destaque no jornalismo.

Pereira, Caleffi e Albertini (2018) perceberam um cenário semelhante ao olharem para as fontes no telejornal Boa Noite, Paraná. Segundo elas, a falta de mulheres como oficiais e especialistas causa uma exclusão delas nos debates e reafirma imagens masculinas e femininas nos moldes tradicionais dos estereótipos de gênero. Enquanto os homens estão relacionados à participação no mercado de trabalho, as mulheres estão relacionadas à vida doméstica e à maternidade, por exemplo. Beffa (2017) também aponta que esse mesmo cenário faz com que os homens ocupem papéis centrais nas notícias – como autoridades, peritos, os que explicam ou classificam algo –, e as mulheres são usadas como instrumentos para que a matéria seja relacionável com as pessoas, fornecendo suas opiniões sem serem peritas no assunto.

Para seguir com essa análise, a tabela abaixo demonstra o uso de fontes no JMTV 1ª Edição.

**Tabela 6** Tipos de fontes de acordo com o sexo no JMTV 1ª Edição

Tipo	Assunto da matéria		Sexo	
			Mulher	Homem
		Freq.	13	13
		%	4.2%	3%
Oficial		Freq.	55	136
		%	18%	30.5%
Especialista		Freq.	13	29
		%	4.3%	6.5%
Testemunha		Freq.	6	7
		%	2%	1.5%
Opinião/Relato		Freq.	220	260
		%	72%	58.4%
Total		Freq.	307	445
		%	100.0	100.0

Fonte: Elaborado pelas autoras (2020).

Os dados do JMTV mostram um cenário mais positivo para as mulheres do que o Jornal Hoje. Os homens estão mais presentes em opinião/relato (58.4%), oficial (30.5%) e especialista (6.5%). Já as mulheres estão mais presentes também em opinião/relato (72%), oficial (18%) e especialista (4.3%). Pode-se perceber que há um equilíbrio entre os especialistas nos dois sexos, ou seja, ao contrário do JH, o telejornal regional entrevista

mais mulheres com conhecimentos específicos na profissão ou da academia. Com relação à fonte oficial, apesar de os homens serem maioria, há um bom número de mulheres nessa função. Ao se olhar para assuntos da matéria, o número é igual, foram 13 mulheres e 13 homens consultados.

Outro fato interessante é que, apesar de grande parte dos jornalistas de Imperatriz e Balsas, no Maranhão, terem informado que não se preocupam com o gênero das fontes e de algumas confessarem que acham mais difícil encontrar mulheres especialistas (Lima, Santos & Tavares, 2019), o telejornalismo regional do estado apresenta um avanço no sentido de consultarem mais mulheres com essa função, diferente do que foi percebido no jornalismo nacional, representado pelo Jornal Hoje.

Para finalizar as discussões desenvolvidas até aqui, o próximo tópico apresenta as considerações finais da análise.

### **Considerações finais**

Esta pesquisa teve a proposta de identificar como as mulheres, no papel de fonte de informação, aparecem nos telejornais Jornal Hoje e JMTV 1ª Edição no ano de 2019. Para isso, foram coletadas 429 matérias, distribuídas em 48 edições dos telejornais, para verificar seus temas, abrangências e os tipos de fonte. Ao todo foram identificadas 1.199 fontes entrevistadas.

Quando se fala na quantidade de mulheres entrevistadas, nas quatro primeiras posições, em cada telejornal, nota-se uma discrepância ampla nos dois casos. No Jornal Hoje, foram 135 mulheres usadas como fonte de informação, menos da metade do número de homens (312). Já o JMTV foi o que mais as ouvia: foram 307 mulheres ouvidas contra 445 homens, uma diferença menor. Essa diferença não acaba só na quantidade de vozes ouvidas, mas se reflete também na presença delas nos temas de notícias e nos tipos de fontes. No Jornal Hoje, elas são as menos ouvidas em 12 categorias, só ganham quando se olha em minoria social. Além disso, a maior disparidade está em temas políticos, em que apenas 8 mulheres foram ouvidas, enquanto se entrevistou 60 homens. Em comparação, o JMTV foi o que apresentou um pequeno avanço na equidade de homens e mulheres, sendo que elas são as mais ouvidas em temas de economia, saúde e educação. Mesmo que elas apareçam mais como fontes que fornecem opinião/relato, elas também têm uma boa presença como oficiais e especialistas nesses temas.

Quando se percebe os tipos de fontes de informação usados nos programas a partir da categoria sexo, é perceptível que também existam distinções, inclusive ao se comparar cada um dos telejornais. Tanto no Jornal Hoje quanto no JMTV 1ª Edição, as mulheres estão mais presentes no papel de fonte que dá sua opinião/relato. Ou seja, dentro da

construção da narrativa jornalística a voz delas pouco contribuem, uma vez que a fala de cidadãos comuns não costumam fornecer informações relevantes, apenas estão lá para servir de ilustração para a matéria (Meditsch & Segala, 2005).

Entretanto, é o JMTV que demonstra um cenário melhor para as mulheres. Nesse telejornal, há uma presença maior de mulheres sendo fontes oficiais e especialistas, ou seja, no regional se percebe um maior equilíbrio entre os sexos e é onde elas desempenham função de mais destaque, pois são consultadas para representarem órgãos públicos e privados e por terem conhecimento específico em algum assunto. Isso é algo que não se esperava, uma vez que já foi levantado que em cenários regionais há uma maior dificuldade em encontrar mulheres especialistas (Lima, Santos & Tavares, 2019). Em tese, um jornal de abrangência nacional, que tem sede em um grande centro, teria mais facilidade para isso.

Dessa forma, pode-se indicar que o ganho da pesquisa foi de preencher uma lacuna nos estudos de gênero, realizando um trabalho que se debruça sobre fontes de informação e tendo um objeto regional, e apresentando um dado interessante e que vai de encontro com estudos já feitos anteriormente, uma vez que aqui se verifica que o cenário jornalístico regional é mais positivo para as mulheres. Assim, esta pesquisa contribui para ampliar as discussões de gênero e jornalismo, demonstrando não só um cenário nacional. Além disso, pode ser um pontapé para que outros estudos regionais sejam desenvolvidos.

Entretanto, deve-se destacar que a presença das mulheres nos telejornais ainda necessita de avanços. Elas ainda não estão presentes em grandes números quando se olha para as fontes de informação e são invisibilizadas enquanto fontes oficiais e especialistas em temas políticos e de economia, o que faz com que se legitime uma imagem de que elas não pertencem a esses ambientes.

Para que a pesquisa e o debate sigam avançando, este estudo pode ser expandido para outros meios jornalísticos, como rádio e sites, além de também levar em conta outros contextos sociais, de outras cidades interioranas e/ou metrópoles. Assim, através da pesquisa científica, se pode conhecer como o jornalismo está se comportando atualmente e quais avanços ele precisa ter em seu conteúdo para representar o mundo com mais equidade.

## Referências

- Bardin, Laurence. (2006). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Beauvoir, Simone. (1967). *O segundo sexo: a experiência vivida*. Difusão Europeia do Livro.
- Beffa, Larissa Coutinho. (2017). *As fontes femininas no jornalismo brasileiro*. Comunicação: Reflexões, experiências, ensino, 13(2), 121-196.
- Cerqueira, Carla Braga. (2008). *A Imprensa e a Perspectiva de Gênero: Quando elas*

- são notícia no Dia Internacional da Mulher. Observatorio (obs\*)*, 5, 139-164.
- Colling, Leandro, Silva, Patrícia Conceição da, Lopes, Maycon, Sant'ana, Tiago, et al. (2012). *Um panorama dos estudos sobre mídia, sexualidades e gêneros não normativos no Brasil*. *Gênero*, 77-108.
- Colling, Leandro et al. Um panorama dos estudos sobre mídia, sexualidades e gêneros não normativos no Brasil. Niterói: *Gênero*, 77-108, 2012.
- Coutinho, Iluska. (2012). Lógicas de produção do real no telejornal: A incorporação do público como legitimador do conhecimento oferecido nos telenoticiários.
- Coutinho, Iluska., (Ed.). *Dramaturgia do telejornalismo: A narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora - MG*. Mauad X.
- Coutinho, Iluska., Mata, Jhonatan. (2010). Telejornalismo a serviço do público: A voz do povo em cena. *Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia*, 17(1), 65-73.
- Garcez, Bibiana; Silveirinha, Maria João. (2020). *Objetividade jornalística e perspectiva feminista: por uma articulação*. *Mediapolis–Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público*, 10, 117-130.
- Gomes, Itania Maria Mota. (Org.). (2009). *Televisão e Realidade*. Edufba.
- Heilborn, Maria Luiza. (1994). *De que gênero estamos falando. Sexualidade, gênero e sociedade*, 1(2), 1-6.
- Hendel, Líliliana. (2017). *Violências de gênero: Las mentiras del patriarcado*. Paidós.
- Hirata, Helena. (2014). *Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais*. *Tempo social*, 26(1), 61-73.
- Kadri, Kadri. (2020). *Media, Gender, And Society: relation of news texts, journalists' cognition, and sociopolitical context in framing female politicians in lombok post newspaper, indonesia*. *Jurnal Studi Sosial Dan Politik*, 1-17.
- Lage, Nilson. (2009). *A reportagem: Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Record.
- Lelo, Thales Vilela. (2019). *A feminização do jornalismo sob a ótica das desigualdades de gênero*. *Revista Estudos Feministas*, 27(2), 1-14.
- Lima, Daniele Silva; Santos, Wyldiany Oliveira dos; Tavares, Camilla Quesada. (2019). *Relações de gênero na rotina de trabalho de mulheres jornalistas: um estudo de Imperatriz e Balsas, no Maranhão*. *ÂNCORA - Revista Latino-americana de Jornalismo*, 8(2), 300–321.
- Lopes, Denilson. (2004). Desafios dos estudos gays, lésbicos e transgêneros. *Comunicação, Mídia e Consumo*, 1(1), 63-73.
- Marino, Caroline. (2018). *Mulheres, espaço e voz no telejornalismo brasileiro: Análise das representações sociais de gênero no JN*. In *Anais do 16º ENCONTRO DA SBPJOR* (pp. 1-16).
- Massuchin, Michele Goulart; Tavares, Camilla Quesada; Silva, Gabriela Almeida. (2020). O que a produção científica tem a nos dizer? Avanços, lacunas e novas perspectivas para as pesquisas sobre Jornalismo e Gênero. *Revista Pauta Geral*, 7(1), 1-19.
- Meditsch, Eduardo; Segala, Mariana. (2005). *Vozes do povo e vozes do poder. Uma análise dos atores das notícias do principal telejornal brasileiro*. *Revista PRISMA.COM*, 16-42.
- Moraes, Fabiana; Silva, Márcia Veiga da. (2019). *A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora*. Trabalho apresentado em *Anais do 28º Encontro Anual da Compós*.
- Moreno, Rachel. (2017). *A imagem da mulher na mídia: Controle social comparado*. Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo.
- Oliveira, Maria de Fátima Costa de. (2006). *Subjetividade e discurso: Um estudo da linguagem no telejornalismo*. Veredas.
- Pereira, Ariane; Caleffi, Renata; Albertini, Caroline. *Um telejornal de homens? Invisibilização e silenciamento das mulheres no Boa noite Paraná*. In *Anais do*

- INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (1-14).
- Porcello, Flávio; Sartori, Débora. (2013). Telejornalismo no Brasil: A linguagem verbal e não verbal para atrair a Nova Classe Média. *Sessões do Imaginário*, 18(29), 3-9.
- Rocha, Simone Maria. (2009) Como a noção de gênero televisivo colabora na interpretação das representações? Proposta metodológica de análise integrada. In Gomes, Itania Maria Mota (Org.). *Televisão e Realidade*. Edufba.
- Salhani, Jorge; Santos, Heloisa dos; Cabral, Raquel. (2020). *Uma perspectiva feminista ao jornalismo para a paz*. Revista Estudos Feministas, 28(3), 1-13.
- Silva, Gabriela Almeida, Silva, Rayssa de Sousa, Sousa, Nayara Nascimento de, Tavares, Camilla Quesada (2019). *Gênero como tema de pesquisa em Jornalismo: uma comparação do perfil de quem publica em revistas de Comunicação*. In Anais do IX Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJOR) (pp. 1-20).
- Sousa, Jorge Pedro. (2004). *Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e da mídia*. Letras Contemporâneas.
- Squirra, Sebastião Carlos de Moraes. (2004). *Aprender telejornalismo: produção e técnica*. Brasiliense.
- Tavares, Camilla Quesada; Massuchin, Michele Goulart; Sousa, Leila Lima de. (2021). *A quem recorremos quando falamos sobre gênero na Comunicação? Aspectos de colonialidade e decolonialidade a partir da bibliografia utilizada nas pesquisas da área*. Comunicação, Mídia e Consumo, 18(51), 36-59.
- Temer, Ana Carolina. (2012). *A importância histórica da televisão e do telejornalismo na padronização cultural no interior do Brasil*. Comunicação & Mercado, 1, 8-23.
- Traquina, Nelson. (2005). *Teorias do jornalismo: Por que as notícias são como são?*. Insular.

**ABSTRACT:**

This work aims to contribute to journalism and gender studies by focusing on the presence of women as sources of information in the national newscasts Jornal Hoje (Rede Globo), and JMTV 1ª Edição (TV Mirante, affiliated with Rede Globo), regional newspaper of Maranhão. For this, Content Analysis was used as a scientific method. The corpus of the study comprises a sample of 24 news from Jornal Hoje and 24 news from JMTV 1ª Edição, which were broadcast in 2019. Thus, 429 articles were analyzed that had 1,119 sources of information, of which only 442 were women. As a result, it is clear that there were discrepancies in the presence of men and women in relation to the quantity and functions in the journalistic narrative.

**KEYWORDS:** Woman; Telejournalism; Content Analysis; Genre; Sources.

**RESUMEN:**

Este trabajo tiene como objetivo contribuir al periodismo y los estudios de género al enfocarse en la presencia de las mujeres como fuentes de información en los noticieros nacionales Jornal Hoje (Rede Globo) y JMTV 1ª Edição (TV Mirante, afiliado a Rede Globo), diario regional de Maranhão. Para ello, se utilizó el Análisis de Contenido como método científico. El *corpus* del estudio comprende una muestra de 24 noticias de Jornal Hoje y 24 noticias de JMTV 1ª Edição, que se emitieron en 2019. Así, se analizaron 429 artículos que contaban con 1.119 fuentes de información, de las cuales solo 442 eran mujeres. Como resultado, se vio discrepancias en la presencia de hombres y mujeres en relación a la cantidad y funciones en la narrativa periodística.

**PALABRAS CLAVE:** Mujer; Teleperiodismo; Análisis de Contenido; Género; Fuentes.